O DEMÔNIO DE CADA UM

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016

BRUNO GAUDÊNCIO
ORGANIZAÇÃO

EDITORA PENALUX
Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260
penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Os Autores

ORGANIZADOR
Bruno Gaudêncio

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
Dictionnare Infernal (1863), sem autoria

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G266D GAUDÊNCIO, Bruno. 1985 -
O dêmonio de cada um / (org.) Bruno Gaudêncio. -
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2016.

114 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-066-4

1. Contos I. Título.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O sono dos justos

Nathan Cirino

Noites de junho sempre traziam um vento frio pela porta da cozinha. Mesmo quando estava fechada, as frestas deixavam escoar um hálito gelado que escorria do quintal. "Maldito inverno", repetia Edgard com frequência antes de dormir. Se sua esposa ainda fosse viva lhe daria três tapinhas na boca, com aquele sorriso aberto que só ela tinha. Os tempos agora eram outros. Os móveis não eram lustrados há meses e haviam perdido o brilho que já tiveram um dia. Três lâmpadas queimaram e assim permaneceram, porque, quando a noite chegava, ele gostava de se abraçar com a escuridão. Sentia-se anulado, quase morto, e isso era bom.

A única luz da casa era o brilho da TV, que piscava madrugada adentro. O volume baixo deixava todas as falas mal compreendidas, mas Edgard não se importava.

Raramente estava sentado diante dela para assistir alguma coisa. Tossiu.

Pelo corredor, um rapazinho chegou cambaleando.

— Não consigo dormir também. — Ele disse com a voz preguiçosa enquanto esfregava o olho.

— Senta aí, filho. Já, já o sono chega. — E jogou nas mãos dele o controle remoto. Fingiu estar assistindo a programação, sentado na outra ponta do sofá.

Em uma fração de segundo Edgard se lembrou do porquê ainda mantinha a TV ligada o tempo todo. Alguém precisava conversar com seu filho adolescente e, com certeza não seria ele. O menino sempre preferiu a mãe e isso era notório. A morte dela o deixou órfão e seu papel de pai naquela casa era tão decorativo quanto o vaso de barro de um metro de altura que a falecida colocou ao lado da janela.

Aos poucos o viu deitar, encolher-se, pular de um canal para outro e continuar a esfregar os olhos, cada vez mais pesados. Dormiu. A tosse veio, mas saiu contida, com medo de acordar o filho. Pegou-se olhando o menino deitado. "Quatorze anos", pensou. O sorriso não lhe veio ao rosto. O olhar era fixo e apático. A garganta coçou de repente e o pigarro estava sendo invocado em algum lugar lá dentro, mas Edgard não queria deixa-lo sair.

Tem pelos crescendo nas pernas...

Era tão jovem. A pele macia de criança e o corpo tomando forma de adulto. Tinha sim os braços e pernas desproporcionais, mas bonitos. Os olhos da mãe. Talvez tivesse até um quê feminino nos traços, mas Edgard não sabia se aquilo iria perdurar ou se era coisa da adolescência que se perderia quando a barba fechasse. Os cabelos eram bem fornidos, pretos e lisos. Olhou-os por mais alguns momentos e foi com a mão até eles. Mergulhou seus dedos suavemente para afagar-lhe a cabeça. Seu olhar continuava tão indiferente quanto o movimento automático do cafuné desengonçado. A TV fazia seus olhos brilharem na madrugada.

Tossiu.

O menino se mexeu um pouco, mas continuou dormindo. "Porra de tosse", pensou. A doença estava avançando. Ele sabia que a idade tinha chegado. O cigarro havia feito seu dever de casa e o futuro não era nada promissor. Por um momento olhou para seu filho e quis estar na pele dele. Voltar aos quatorze anos e começar tudo de novo. Seria prazeroso voltar a descobrir o próprio sexo, vê-lo crescer e criar seus pelos, usá-lo pela primeira vez. Poderia sentir de novo a empolgação da primeira transa ou do primeiro porre. Redescobrir a vida em cada recanto mínimo em que ela

se descortina. Queria ter quatorze, queria ter aquela pele suave de novo, a boca ainda carnuda, os olhos delicados.

Afastou-se devagar do filho e se levantou do sofá. Pegou o controle remoto e desligou a televisão. Ficou ali, de pé, fitando-o no escuro. Sem emoção alguma. Os braços largados ao longo do corpo magro e doente, a cabeça pendulando, devagar, de um lado para o outro, como se tentasse enxerga-lo melhor na escuridão.

Quis puxar a mandíbula do menino para baixo com uma mão e o resto do crânio para cima com outra. Rasgar ali uma abertura descomunal onde pudesse entrar e viver. Habitá-lo como um parasita, sugar-lhe a juventude e a vida que ainda viria. Era tentador alojar-se entre seu estômago e o fígado, mergulhar nas vísceras como um verme e se alimentar dos prazeres que o menino ainda iria desfrutar. Tomá-los todos para si e desnutri-lo com a maior das voracidades.

Tossiu. O pigarro dessa vez não pôde ser contido.

Edgard virou-se para a cozinha e caminhou até lá com passos lentos. O vento frio do inverno surgiu e rastejou até suas pernas. Tomou-lhe de assalto como um demônio que o possuía na madrugada. Arrepiou-lhe o corpo e tornou-o gelado. O maldito ar do inverno escalou suas pernas como uma puta dedicada, ouriçando-lhe os cabelos da nuca e lambendo-lhe o membro. Sentiu-se cadáver.

Na cozinha, o faqueiro parecia brilhar sobre o balcão. Facas pendiam em movimentos suaves que o vento demoníaco atiçou. Havia ainda alguma luz cintilando nas lâminas, oriunda da janela, assim como havia um resquício do cheiro do menino provocando suas narinas. Voltou a cabeça para trás e lá estava ele, que moveu a perna em um movimento tranquilo de seu sono tão esperado. A boca estava entreaberta, mostrando as pontas dos dentes.

Edgard pegou a primeira faca que a mão alcançou e voltou ao sofá com passos cuidadosos. As sombras de sua casa pareciam mais intensas. O pretume dos móveis, por um momento, moveu-se como se fosse vivo. Abrigava alguma coisa que tinha forma e movimentos sinuosos, e, embora não o enxergasse, sabia que tinha olhos grandes e negros que fitavam seus passos lentos. A casa estava cheia, ele podia sentir. Estavam todos ali, nas sombras, rastejando e silvando enquanto assistiam sua caminhada. Sempre estiveram.

Aqueles que se deitavam nas sombras estavam à espreita e desejavam seu corpo, assim como ele desejava o do filho. Queriam entrar, como ele também queria.

Edgard parou na frente do rapaz. Agachou-se diante do sofá, em silêncio. Olhou mais uma vez para o menino, esforçando-se para dissipar a escuridão com a luz que

vazava da rua pela janela da sala. Sua mente preenchia os vazios, completava as formas. Fitou-lhe os pés, as pernas, o short curto, a barriga que subia e descia em um respirar pacato, o pescoço comprido como o da mãe, o rosto. Viu a esposa deitada ali por um segundo. Como eles se pareciam... As mãos eram iguais. Delicadas, com dedos finos.

Levou a mão até o rosto do rapaz e tocou sua pele com suavidade.

— Filho. Acorde. — sussurrou com a faca na outra mão. — Vá para o seu quarto.

O menino se levantou cambaleante. Esbarrou ainda na lâmina fria, mas não atentou para o toque. Foi pelo corredor, perdendo-se no negro da madrugada. O som que veio do quarto foi o baque de seu corpo na cama.

Edgard sentou-se no sofá e olhou em volta.

As sombras rastejaram até ele. Ficaram de quatro na frente da TV desligada. A faca em sua mão não poderia atingi-las, ele sabia disso. O que poderia fazer agora era simplesmente deixar cair o objeto de suas mãos e sentir-se invadir. Uma após outra, foram fazendo nele o que ele não teve coragem de fazer ao filho. Entraram. Vieram com o vento frio da cozinha e penetraram-lhe os poros, infiltraram-se pelos ouvidos, mergulharam em seus olhos e boca.

Edgard pegou a faca no chão. Levantou-se ofegante. Foi-se pelo corredor, deixando no caminho suas peças de roupa. Eram só ele e a lâmina, perdendo-se na escuridão.

www.editorapenalux.com.br

penaluxeditora@gmail.com

/penaluxeditora